

## O trabalho culinário doméstico como cuidado: as experiências, sentimentos e percepções de risco em tempos de pandemia

### RESUMO

**Virgínia Therezinha Kesting**  
E-mail: vikestering@gmail.com  
Universidade Federal do Paraná,  
Curitiba, Paraná, Brasil

**Henrique da Costa Valério  
Quagliato**  
E-mail:  
henriquequagliato95@gmail.com  
Universidade Federal do Paraná,  
Curitiba, Paraná, Brasil

**Marlene Tamanini**  
E-mail: tamaniniufpr@gmail.com  
Universidade Federal do Paraná,  
Curitiba, Paraná, Brasil

A partir de uma perspectiva dos estudos do cuidado, este artigo se preocupa em entender como se configuraram as experiências das mulheres com o trabalho culinário doméstico durante os primeiros meses da pandemia de Covid-19. A partir de 594 respostas a um questionário on-line e com uma amostra final centrada nas classes médias, nossos resultados indicam a continuidade da feminilização das atividades domésticas na divisão sexual do trabalho, mesmo diante das transformações nos arranjos domésticos; também encontramos uma ampla carga emocional relacionada à alimentação, que varia desde sentimentos de sobrecarga até sentimentos de afeição ligados ao preparo dos alimentos; por fim, notamos que a responsabilização feminina pela alimentação possibilita uma percepção específica sobre o risco e a vulnerabilidade no contexto pandêmico. O artigo contribui para a discussão sobre as complexidades gendrificadas do "novo normal" no Brasil contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cuidado. Trabalho culinário doméstico. Sentimentos. Risco. Covid-19.

## INTRODUÇÃO

O cuidado com a alimentação no espaço doméstico ainda é extremamente feminilizado e constitui uma parte importante das experiências das mulheres (DEVAULT, 1991; MATCHAR, 2013; CAIRNS; JOHNSTON, 2015). A pandemia de Covid-19 revelou e intensificou as estruturas consolidadas de desigualdades de gênero que colocam esse trabalho sob a responsabilidade das mulheres (ANDREW *et al.*, 2020; DEL BOCA *et al.*, 2020; INSFRAN; MUNIZ, 2020; SHAFER; MILKIE; SCHEIBLING, 2020). Dessa forma, quando colocada sob a perspectiva dos Estudos do Cuidado, a alimentação durante a pandemia se torna enfaticamente vinculada às questões de gênero e às desigualdades que as perpassam.

Com base nisso, nosso objetivo com esta pesquisa é entender como se configuraram, para as mulheres, as relações de cuidado em torno da alimentação de si e de outros, durante o início da pandemia de Covid-19. Em particular, nos interessa visibilizar como elas elaboram discursivamente suas experiências com a compra, o planejamento, higienização e preparo da comida – quais percepções e sentimentos emergem do seu envolvimento ou não com essas tarefas frente ao necessário isolamento físico.

As respostas de 594 mulheres a um questionário on-line feito, por meio da plataforma Google Formulários, são o alicerce para responder a essas questões. O questionário foi compartilhado por meio de meios digitais, como redes sociais, grupos de e-mails e aplicativos de mensagens, durante o período de 1º a 11 de maio de 2020, quase dois meses após o início das medidas de distanciamento físico adotadas em diversos estados brasileiros. Nesse período, as normas de proteção gozavam de maior credibilidade por parte da população e o relaxamento dessa postura era uma discussão incipiente, embora, muitos governantes ainda questionassem as possibilidades de contágio. Tal cenário é um marcador importante sobre o qual surgiram as respostas.

O questionário foi elaborado a partir de perguntas de múltipla escolha e de respostas abertas que possibilitaram às respondentes selecionar tanto alternativas que mais se aproximavam da sua experiência, como expressá-las de forma mais livre. Os dados quantitativos, analisados por meio do software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), nos ofereceram os perfis e os conteúdos de como são suas relações de cuidado com a alimentação doméstica. As respostas qualitativas foram analisadas uma a uma e nos permitiram acessar percepções e sentimentos que se vincularam com essas atividades. Baseados em teoria consolidada que defende a integração das abordagens quantitativas e qualitativas (BRICEÑO-LEÓN, 2003; MINAYO, 1992), o questionário nos permitiu fazer uma análise equilibrada da relação entre o contexto e a experiências (LONGINO, 2008), resignificando-as por meio da reapropriação interpretativa e dos sentimentos vivenciados pelas mulheres durante a pandemia de Covid-19 (DE LAURETIS, 1994).

Diferentemente de outros estudos, esta pesquisa analisa a experiência de mulheres que se enquadram, em sua maioria, em um perfil consolidado entre os quadros médios e economicamente estáveis da população brasileira, mas que, nem por isso puderam se afastar completamente da responsabilização pelo trabalho doméstico, sobretudo, após a perda dos serviços de suporte. Elas são majoritariamente brancas, possuem alto nível de escolarização, renda superior a cinco salários-mínimos<sup>1</sup> e moram em capitais<sup>2</sup> (quadro 1). Ainda que muitas delas

tenham exercido suas atividades profissionais em casa, isto não ocorreu fora dos parâmetros da sobrecarga com o doméstico, já presentes para mulheres de outras camadas sociais. Essa situação produziu uma série de sentimentos que vão desde estresse até prazer pelo tempo dedicado a cozinhar. Ao mesmo tempo, houve uma intensa percepção de risco em relação às compras e aos produtos vindos do supermercado. Gerenciar o potencial risco de contágio para si ou para a família se tornou uma tarefa a mais na rotina dessas mulheres, impondo-lhes outra sobrecarga física e emocional, com escasso compartilhamento dessas responsabilidades.

**Quadro 1 - Perfil das entrevistadas**

Idade		Raça/etnia		Estado civil	
Mínima	17 anos	Amarela	1.0%	Solteira	26.3%
Máxima	81 anos	Branca	75.8%	Casada/união estável	59.3%
Média	43 anos	Indígena	0.2%	Divorciada/separada	12.5%
Desvio padrão	12.7	Parda	18.2%	Viúva	2.0%
		Preta	4.2%		
		Outro	0.7%		
Faixa de renda		Escolarização		Coabitação	
Até 1 salário	1.0%	Ensino fundamental	1.3%	Mora sozinha	12.3%
Entre 1 e 3 salários	13.0%	Ensino médio	10.3%	Com mais 1 pessoa	29.8%
Entre 3 e 5 salários	21.4%	Ensino técnico	0.3%	Com mais 2 pessoas	29.3%
Entre 5 e 15 salários	45.6%	Graduação	21.2%	Com mais 3 pessoas	21.4%
Mais de 15 salários	19.0%	Especialização	30.1%	Com mais 4 pessoas	5.1%
		Mestrado	18.5%	Com mais de 4 pessoas	2.2%
		Doutorado	18.2%		
Característica da cidade		Coabitação		Filhos menores de 18 anos em casa	
Capital	64.3%	Mora sozinha	12.3%	Sim	43.9%
Cidade pequena	6.6%	Com mais 1 pessoa	29.8%	Não	56.1%
Cidade média-pequena	4.9%	Com mais 2 pessoas	29.3%		
Cidade média	13.0%	Com mais 3 pessoas	21.4%		
Cidade média-grande	5.9%	Com mais 4 pessoas	5.1%		
Cidade grande	5.4%	Com mais de 4 pessoas	2.2%		

## O TRABALHO CULINÁRIO DOMÉSTICO COMO CONTEÚDO DO CUIDADO

Dentro da ampla gama de temas englobados pela ideia de cuidado, esta pesquisa se debruça, especificamente, sobre os cuidados envolvidos no trabalho culinário doméstico (do inglês *domestic foodwork*). Esse conjunto de tarefas pode ser entendido como qualquer atividade não paga que envolva o cuidado de alimentar a si e aos outros, como a compra, o planejamento, a limpeza e o preparo da comida (BEAGAN *et al.*, 2008). Além dessa dimensão prática, esse trabalho também engaja afetos e emoções diversas (CAIRNS; JOHNSTON, 2015). Dessa forma, nossos dados serão apresentados considerando a conexão empírica e teórica com o cuidado, procurando dar visibilidade para as complexas dimensões que o constituem. Nos pautamos tanto na desigual divisão sexual do trabalho, como nas emoções e nas percepções de risco que derivam da rotina dedicada a este trabalho durante o cenário pandêmico.

O cuidado é multidimensional e envolve a necessária visibilização do lugar que ele ocupa na vida cotidiana (HIRATA; GUIMARÃES, 2012). No espaço doméstico, ele também está intimamente relacionado às desigualdades e à falta de reconhecimentos que garantiriam a sua execução em condições de partilha das responsabilidades e de respeito às necessidades particulares (TRONTO, 2013). O cuidado do qual falamos está circunscrito por uma situação de pandemia que, devido à exigência do isolamento físico, intensifica diversas questões que envolvem o convívio e o trabalho doméstico.

Esses elementos se inserem na antiga e desigual divisão sexual do trabalho que é estruturante, ao mesmo tempo interseccional e, por isso, têm implicações para as relações de gênero que são orientadas por expectativas, culpas, conflitos e pelo compartilhamento ou não das responsabilidades entre quem cuida e quem recebe cuidado (TABET, 2005; SORJ; FONTES, 2012; STACEY, 2011; SCOTT, 1994; SASSEN, 2010; FALQUES; KERGOAT, 2010). Estudos sobre a divisão sexual de trabalhos culinários demonstram como essas percepções atuam silenciosamente nos estratos com maiores condições de renda e escolaridade, se valendo de fundamentos de escolha pessoal ou preferência das mulheres para justificar a manutenção dessa estrutura, embora, muitas delas, o façam com o intuito de evitar conflitos com filhos ou companheiros (MOLINER; LAUGIER, 2009; BEAGAN *et al.*, 2008; EVERINGHAN; STEVENSON; WARNER-SMITH, 2007). Nesse sentido, mesmo as mulheres dos estratos médios e altos da população estão sujeitas aos elementos que norteiam a essencialização do trabalho de cuidado como feminino.

Diversos estudos – como os de Trabut e Weber (2012), Sorj e Fontes (2012), Ribault (2012), Glucksmann (2012), Feuvree Sow (2010), Monticelli (2018), Araújo e Scalon (2006), Picanço (2014); Sorj (2010, 2008, 2004), e Zelizer (2012), Hirata e Kergoat (2007) – têm olhado para essas questões, pensando sobre a necessidade de promoção de melhores condições de partilha na realização das atividades do cuidado. As configurações do compartilhamento do cuidado interagem com questões subjetivas, contextuais de obrigatoriedade e emocionais (FOLBRE, 2008; KITTAY, 1999; GLENN, 2012). A maneira como essas mulheres sentem o mundo ao seu redor, seu lugar no arranjo doméstico e familiar, e o quanto de trabalho elas executam confere um importante conteúdo afetivo e emocional na experiência que envolve o trabalho em torno da alimentação. Este implica sentimentos diversos e relações de interdependência e vulnerabilidades que nem sempre se explicitam claramente (GARRAU; LE GOFF, 2010).

Alguns estudos sobre sentimentos nos inserem na análise das emoções como fenômenos construídos em certas condições e capazes de explicar relações sociais, complexificando o entendimento das práticas de cuidado (TORRES, 2009; GORDON, 1990; HOCHSCHILD; MACHUNG, 2003; ZELIZER, 2005). Esses aspectos também problematizam as fronteiras rígidas entre público e privado, visto que esta contraposição não pode ser circunscrita à sua mecanicidade e às fronteiras que ela produz. Trata-se de visibilizar a heterogeneidade dos conteúdos do privado, quando circunscrito ao doméstico, e desvelar as desigualdades que foram esquecidas pelas teorias em seu uso liberal em outras correntes (URRUTIA; FAÚNDEZ; CONTRERAS, 2017; OKIN, 2008), explicitando a necessidade de reconhecer a importância das emoções (JAGGAR, 1997; SOARES, 2012; PAPERMAN, 2019).

Nesse mesmo sentido, é necessário reconhecer que as dimensões práticas do trabalho culinário no ambiente doméstico agora permitem um olhar privilegiado

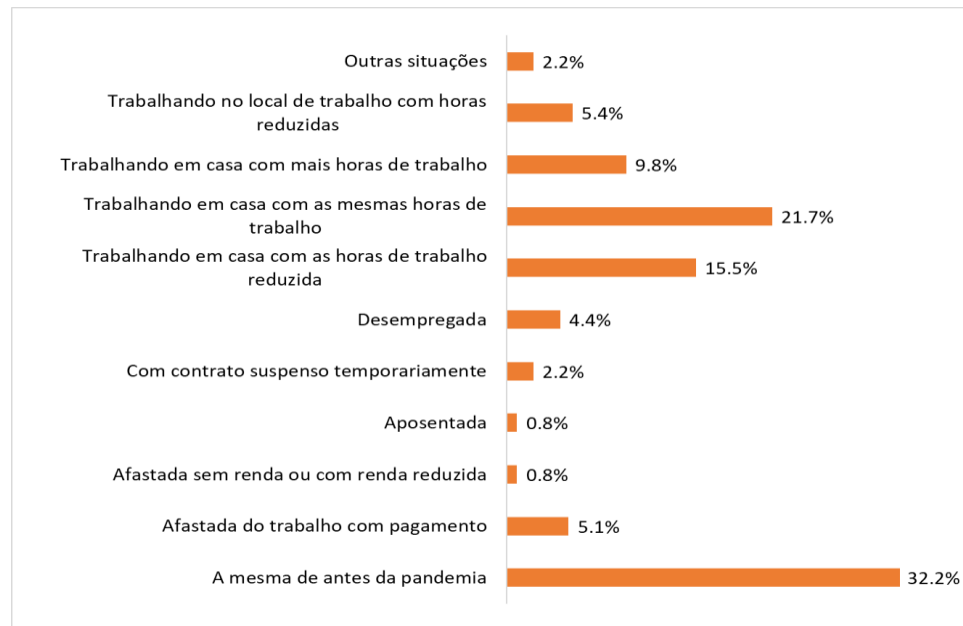
sobre o risco em nossa sociedade. Antes da pandemia, o risco já era um elemento determinante da modernidade (GIDDENS; BECK, 1997; BECK, 2011). Os cuidados com a alimentação, depositados majoritariamente sob os encargos das mulheres, já envolviam as noções de proteção da família e responsabilidade pela sua segurança (KINSER, 2017; MACKENDRICK; PRISTAVEC, 2019). Contudo, o contexto pandêmico acentua o reconhecimento dos riscos presentes em atividades como essas. Nesse cenário, o cuidado com a alimentação se torna objeto para o reconhecimento necessário da conexão entre cuidado e risco (TRONTO, 2020). A responsabilização por esse tipo de tarefa, a razão prática envolvida em seus processos cotidianos, envolvem muitas vezes, o desenvolvimento de uma percepção dos riscos aos quais estamos expostos e, da vulnerabilidade que marca a condição de nossa existência.

Por meio desta pesquisa, esperamos contribuir para o alargamento das discussões que abrangem as teorias do cuidado, assim como perceber as especificidades das experiências de mulheres pertencentes a situações sociais e econômicas distintas sobre o trabalho culinário doméstico, principalmente nas particularidades que envolvem o período da pandemia de Covid-19.

### **A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO CULINÁRIO DOMÉSTICO NA PANDEMIA**

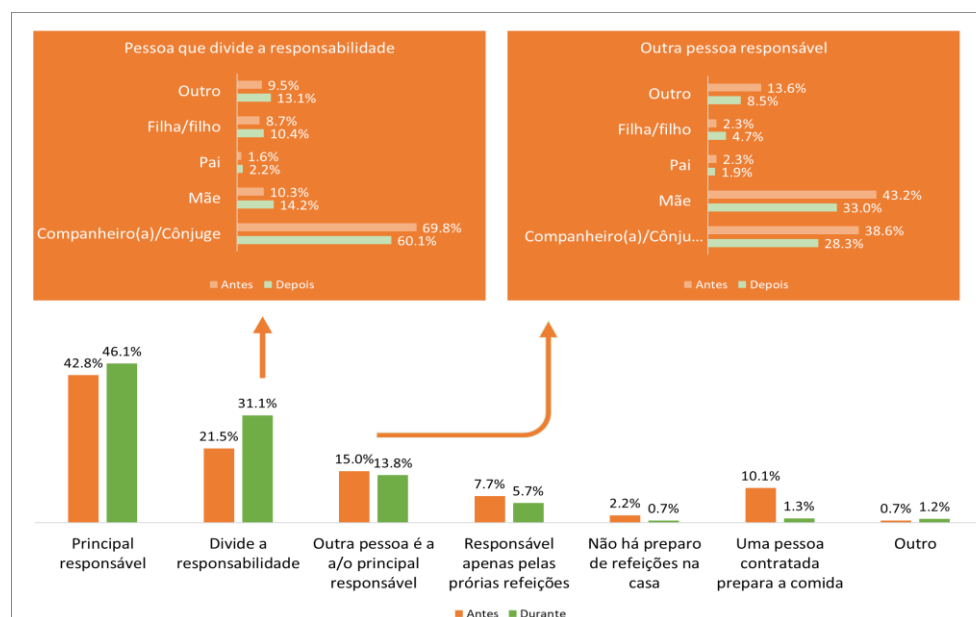
O perfil socioeconômico ao qual pertencem a maioria das entrevistadas apresenta uma maior inserção feminina no mercado de trabalho formal (SORJ; FONTES, 2012)<sup>3</sup>. Esse fato é um marcador importante na forma como se configuram suas relações de cuidado com a alimentação no espaço doméstico. A maioria delas, durante o período de coletas de dados, manteve suas ocupações profissionais, dentre as quais, somando os diferentes arranjos, ao menos 47% passaram a exercê-las em casa após o início das medidas de distanciamento físico (figura 1). Nesta seção apresentaremos as configurações da divisão sexual do trabalho que vincula as respondentes à permanente feminilização do cuidado. O que fundamenta essa discussão são, principalmente, os conjuntos de perguntas sobre a responsabilização do trabalho culinário doméstico antes e durante a pandemia, além de perguntas fechadas e abertas que avaliam o acúmulo de funções.

**Figura 1 - Cenário da ocupação das entrevistadas em maio**



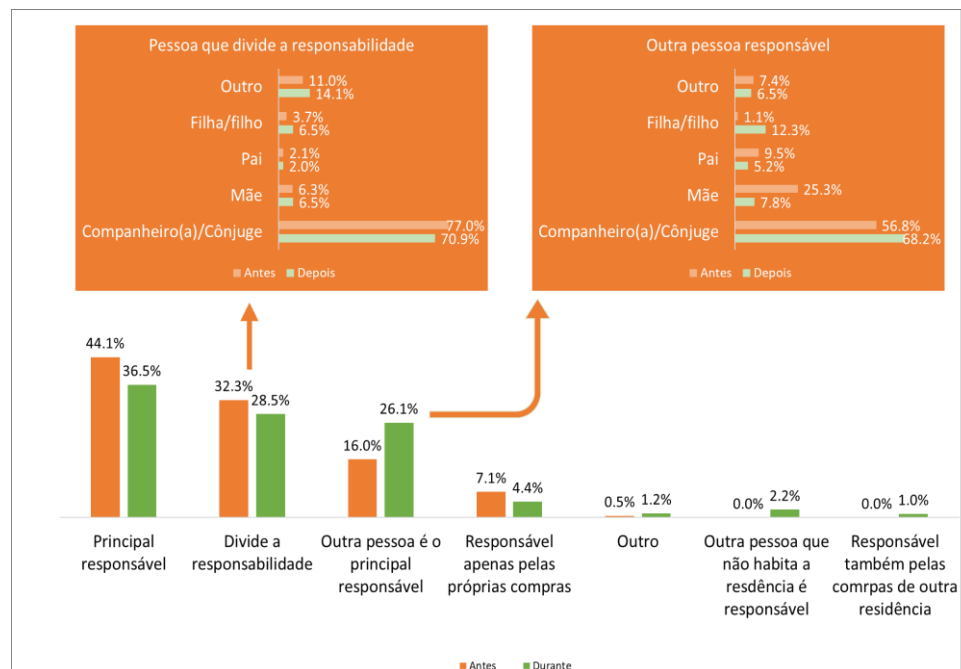
Somando os diferentes tipos de envolvimento, a maioria das entrevistadas afirmou exercer tanto a compra quanto o preparo da comida (figuras 2 e 3). Contudo, existem especificidades em cada uma dessas tarefas. Observando as figuras 2 e 3, percebe-se que a participação masculina (por intermédio da figura do cônjuge e do pai) é maior nas atividades de compras dos alimentos. No preparo da comida, por outro lado, nota-se uma desigualdade maior, com taxas mais elevadas de participação feminina (medidas pelo envolvimento das próprias entrevistadas e de suas mães). Esses dados se coadunam com os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2019, que revela uma participação masculina mais frequente na compra e pesquisa de preços quando comparada com o trabalho de cozinhar no espaço doméstico, realizado majoritariamente por mulheres.

**Figura 2 - Responsabilidade pelo preparo antes e durante a pandemia**



Essa dinâmica não disfarça o maior envolvimento de mulheres em ambas as atividades, cenário que foi ainda mais reforçado pela pandemia. Somando os diferentes tipos de responsabilidade por cozinhar (figura 2), observa-se um aumento relatado pelas entrevistadas de sua participação nessa atividade (72.1% antes da pandemia e 83% depois). Dentre elas, 46% assumiram ou permaneceram no papel de principais responsáveis pelo preparo das refeições para toda a casa durante esse período. A feminização do trabalho de cozinhar é observada também na alta taxa de responsabilização das mães por essa atividade, bem como na diminuição do envolvimento dos cônjuges ou companheiros durante o período de isolamento físico (figura 2). Mesmo existindo um aumento das taxas de compartilhamento do trabalho de preparar a comida, as entrevistadas relataram uma diminuição na mesma proporção do envolvimento dos homens nesse trabalho (figura 2).

**Figura 3 - Responsabilidade pela compra antes e durante a pandemia**



As compras de supermercado apresentam uma configuração mais complexa. Ao somar os diferentes níveis de responsabilidade, nota-se uma diminuição no envolvimento das entrevistadas com a compra de alimentos (83.5% antes da pandemia e 69.4% depois). Essa situação é determinada pela diminuição, por parte delas, em realizar essa tarefa em todos os níveis de responsabilização (figura 3). Esse cenário pode ser compreendido como consequência da especificidade do período pandêmico em que ir ao supermercado passa a ser percebido como uma situação de risco. Por outro lado, ele pode representar, também, novos arranjos em relação ao trabalho doméstico:

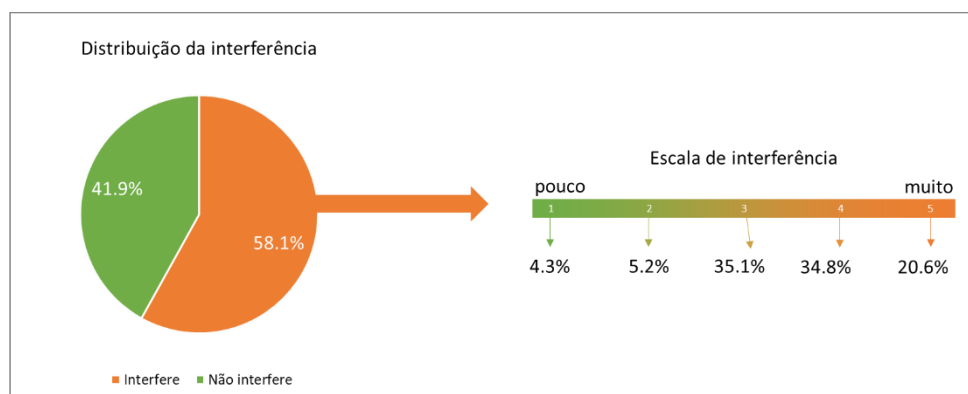
[...] houve sobrecarga em relação ao preparo de alimentos. [...]. Além disso, tem a limpeza da casa e atividades de alfabetização que eu assumi por ser professora. Com isso, qualquer necessidade de sair de casa agora é responsabilidade

do meu companheiro para que eu possa fazer mais dentro de casa (professora, 30 anos, casada, mãe de um filho).

Outros relatos matizam a aparente simplificação dos números anteriores ao apresentar tarefas ainda mais invisibilizadas do trabalho culinário doméstico, como o planejamento: “[...]. Como evitamos ao máximo ir ao mercado, tenho que planejar muito bem as refeições, inclusive para não haver desperdício” (estudante, 35 anos, casada, sem filhos). O envolvimento dos homens em algumas atividades, destacam Cairns e Johnston (2015), nem sempre representa diminuição da carga de trabalho para as mulheres que, majoritariamente, são responsáveis pelo trabalho mental, como o planejamento dos ingredientes e das refeições.

Além desse aspecto, muitas dessas mulheres têm de equilibrar as responsabilidades do trabalho culinário doméstico com as demandas de suas ocupações formais. Frente à valorização social das últimas como pertencentes ao campo “produtivo”, as primeiras, muitas vezes, são vistas como atividades que atrapalham ou roubam o tempo do “trabalho”: “O fato de ficar responsável agora por todas as refeições faz com que eu tenha menos tempo para as minhas atividades profissionais. [...]” (professora, 48 anos, casada, mãe de um filho). Esse relato ilustra a afirmação da maioria de que as atividades envolvidas com os cuidados com a alimentação afetavam suas rotinas de trabalho ao longo dos primeiros meses da pandemia (figura 4).

**Figura 4 - Interferência do trabalho culinário na atividade produtiva durante a pandemia**



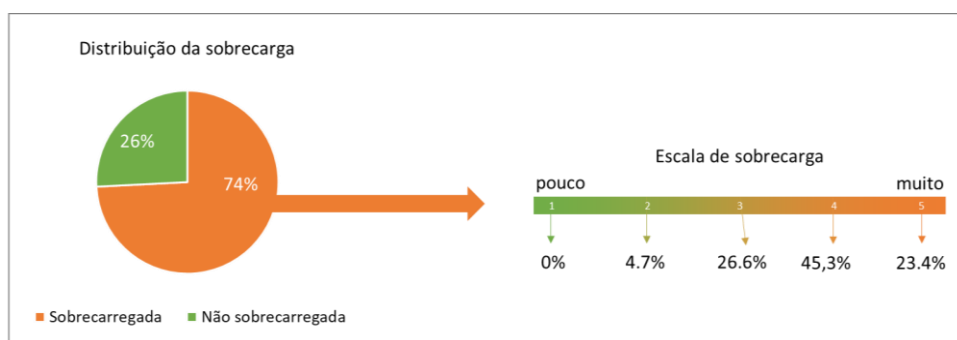
Se o pertencimento aos quadros médios e economicamente estáveis confere uma maior inserção feminina no mercado de trabalho formal (SORJ; FONTES, 2012), o cenário pandêmico parece reinserir algumas das mulheres desse grupo em um universo de obrigações que, até então, podiam ser delegadas a outras pessoas, como diaristas ou restaurantes, por exemplo. A permanência da desigual divisão sexual do trabalho doméstico, como demonstra a PNAD (2019), ainda é predominante na sociedade brasileira e os dados coletados em nossa pesquisa reafirmam esse cenário. Ele expõe não somente a divisão desigual das tarefas relacionadas à alimentação, em que as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelo trabalho manual e mental da provisão da comida dentro de casa (ALLEN, SACHS, 2007), como também expressa a forte codificação dessas atividades como femininas (LUPTON, 1996).



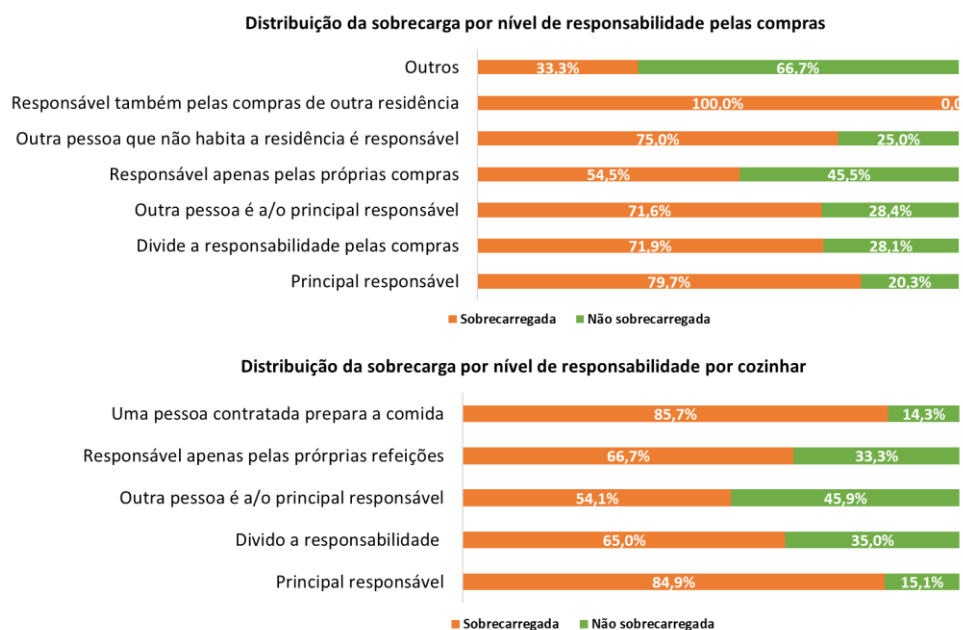
## A CARGA EMOCIONAL ENVOLVIDA NO PREPARO DA COMIDA

A permanência da feminilização do trabalho culinário no espaço doméstico e a forma como ele atua sobre as mulheres durante a pandemia apresenta uma importante dimensão emocional. Frente a esse cenário, intensifica-se a sobrecarga do acúmulo de responsabilidade com o cuidado e o trabalho produtivo. De fato, cerca de 74% das entrevistadas afirmaram que a compra e o preparo dos alimentos as sobrecarregam neste período (figura 5), principalmente entre aquelas que assumem essas responsabilidades sozinhas (figura 6). Esta seção se dedica a apresentar os resultados relativos a essas questões, procurando apontar, ainda, como o perfil socioeconômico dessas mulheres é um marcador importante nas emoções que emergem em relação ao trabalho de cuidar da alimentação de si e dos outros.

**Figura 5 – Sentimento de sobrecarga sobre o trabalho culinário doméstico durante a pandemia**



**Figura 6 - Sobrecarga por responsabilidade de compra e preparo de alimentos durante a pandemia**



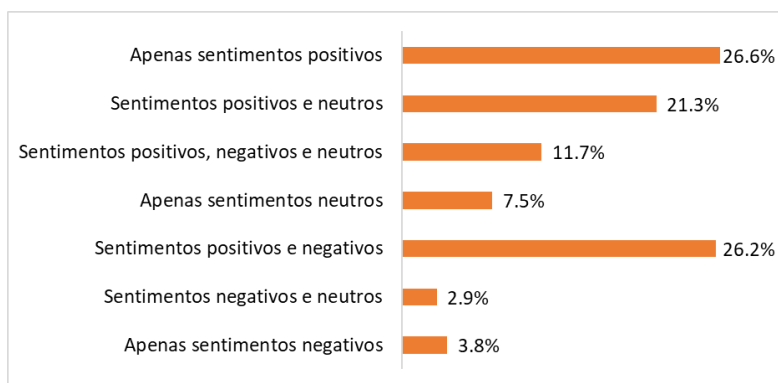
Alguns estudos apontam que a prática de cozinhar no espaço doméstico evoca sentimentos distintos como amor e culpa. Essas emoções nem sempre se opõem, ocorrem ao mesmo tempo e podem ser sentidas conforme a situação em que a

tarefa se apresente (DEVAULT, 1999; CAIRNS; JHONSTON, 2015; TRUBEK, 2017). Ao serem requisitadas para apontar dentre uma variedade de sentimentos quais elas associavam à tarefa de cozinhar durante a pandemia, a maioria das mulheres indicou emoções, ao mesmo tempo, negativas, positivas ou neutras (figura 6 e 7).

**Quadro 2 - Porcentagem dos sentimentos vinculados ao cozinhar durante a pandemia**

Sentimentos negativos			
<b>Cansaço</b>	<b>Desconforto</b>	<b>Preocupação</b>	<b>Raiva</b>
30%	4.8%	21.9%	3.3%
<b>Insegurança</b>	<b>Stress</b>	<b>Desconforto</b>	<b>Outros sentimentos negativos</b>
3.8%	16%	4.8%	2%
Sentimentos positivos			
<b>Nostalgia</b>	<b>Prazer</b>	<b>Alegria</b>	<b>Segurança</b>
14.8%	52.9%	35%	49.3%
<b>Conforto</b>	<b>Relaxamento</b>	<b>Outros sentimentos positivos</b>	
50%	32.6%	1.7%	
Sentimentos neutros			
<b>Normalidade</b>	<b>Outros sentimentos neutros</b>		
42.6%	1.3%		

**Figura 7 - Distribuição de tipo de sentimento associado a tarefa de cozinhar**



O prazer em cozinhar é contextual e conectado às estruturas de gênero, raça e classe. É comum os homens cozinhareem apenas esporadicamente ou em momentos festivos (SZABO, 2013). Para as mulheres, o privilégio de poder se dedicar a essa tarefa apenas em situações de lazer é historicamente apoiado pelo trabalho de mulheres pobres e/ou racializadas (WILLIAMS-FORSON; WILKERSON, 2011; CAIRNS; JOHNSTON, 2015). As restrições produzidas pela pandemia, porém, impuseram uma nova rotina às entrevistadas quanto ao cozinhar. Essa tarefa foi vivida como negativa, principalmente, quando ela se tornou obrigatória e rotineira: “aos fins de semana sinto muito prazer, é gostoso dividir a cozinha com o marido [...]. Durante a semana a obrigação do almoço é cansativa e estressante

pelo pouco tempo entre o preparo e me alimentar” (gerente de marketing, 37 anos, casada, sem filhos). Longe da liberdade e da leveza que marcam o engajamento esporádico, a responsabilidade rotineira do trabalho culinário o torna cansativo e estressante: “em uma situação de férias, talvez estivesse achando o preparo mais prazeroso. No entanto, equilibrar trabalho, acompanhamento escolar dos filhos, limpeza da casa e a alimentação tem sido estressante” (professora, 39 anos, casada, mãe de dois filhos).

Parte dos sentimentos positivos associados ao cozinhar durante a pandemia podem ser entendidos sob esse mesmo aspecto. Para muitas, o preparo de alimentos se tornou uma prática criativa e, até mesmo, um refúgio frente a pesada carga de constantes preocupações sobre o cenário pandêmico: “Cozinhar é o meu refúgio da minha rotina diária, ainda mais com tudo o que está acontecendo com a atual situação do mundo” (estudante e estagiária, 21 anos, solteira e sem filhos). Além desse sentido, são relatadas também a apreciação da possibilidade de ter uma alimentação mais saudável: “O preparo é ótimo! Estou aprendendo várias receitas legais saudáveis, que antes não tinha tempo de fazer [...]” (consultora organizacional, 29 anos, solteira, sem filhos). A necessidade diária de cozinhar pode ser uma rica experiência de novas tentativas e possibilidades, um espaço de sociabilidade ou um refúgio da pesada carga de preocupantes atualizações sobre a pandemia. Porém, a possibilidade de poder dedicar tempo ao preparo dos alimentos e ter acesso à comida saudável durante um período de crescente insegurança alimentar, em muitos aspectos, reflete que os sentimentos positivos associados a esse fazer se conectam com o estrato socioeconômico no qual está inserida a maioria das respondentes.

A forte significação do preparo de alimentos com sentimentos como prazer, conforto e alegria (quadro 2) também se conecta com estereótipos de feminilidade que atrelam à boa mãe ou à boa esposa o cuidado de nutrir a sua família (LUPTON, 1996; CAIRNS; JOHNSTON, 2015; CAIRNS; JOHNSTON; MACKENDRICK, 2013). Isso se mostrou evidente em relatos com este: “preparar a comida é uma forma de demonstrar amor e cuidado, voltar a fazer todos os dias e inventar me alegra” (professora, 40 anos, casada e mãe de 3 filhos). Porém, mesmo que o trabalho culinário seja uma fonte de prazer e satisfação para as mulheres, ele não deixa de ser “oneroso e opressivo”, recrutando-as constantemente, inclusive àquelas cujas subjetividades se afastam desses padrões de feminilidade (MURCOTT, 1983; DEVAULT, 1991).

## RESPONSABILIZAÇÃO E A PERCEPÇÃO DO RISCO DE CONTÁGIO

A análise das respostas abertas sobre as rotinas das respondentes nos mostrou que, entre os elementos que marcam as experiências femininas durante a pandemia, destaca-se uma acentuação da percepção sobre os riscos e as vulnerabilidades que atuam no modo como conduzem o trabalho culinário doméstico. A noção de risco ganha grande evidência na vida moderna (GIDDENS; BECK, 1997). Porém, como lembra Tronto (2020), o conceito abarca de maneira incipiente as relações invisibilizadas de cuidado e, assim, reforça um ciclo de escondimento dos interesses das mulheres, que neste cenário estão principalmente localizados na esfera do doméstico. Esta seção dá visibilidade a essas relações tensionadas pelo risco. Esse conceito e essas percepções fazem emergir elementos subjetivamente constituídos das práticas do cuidado que são

realizadas por mulheres e que estruturalmente estão ligadas ao exercício do cuidar, mesmo quando há acúmulo com suas ocupações profissionais. No contexto da alimentação, as mulheres já são responsabilizadas pelo gerenciamento dos riscos no espaço doméstico produzidos pelo sistema alimentar atual (MACKENDRICK; PRISTAVEC, 2009). Nesta pesquisa, eles são transformados frente à possibilidade de contágio de um vírus, até então, ainda bastante desconhecido. Contudo, a pressuposição feminina por esse cuidado permanece.

Uma das formas mais recorrentes dessa relação ocorre por meio das ansiedades ligadas à prática de limpeza e higienização dos alimentos resultantes do medo da contaminação de si e dos outros: “Preocupação com ir ao mercado, higiene e contágio da doença; organização para ir ao mercado e volta para casa e higienização leva tempo e gera ansiedade e preocupação [...]” (estagiária, 45 anos, casada sem filhos). Outra forma pela qual essa conexão se pronuncia envolve as angústias em torno de sair de casa para comprar os alimentos: “Tensão ao ir ao supermercado. Ter que comprar alimentos a mais. E ter que fazer a higienização de tudo” (professora, 45 anos, divorciada e mãe de um filho).

O lugar dessas mulheres na divisão sexual do trabalho permite, nesse cenário, observar uma certa desvalorização das fichas simbólicas que antes permitiam a adoção de uma atitude cotidiana pautada por uma normalidade apoiada em sistemas de confiança (GIDDENS; BECK, 1997). Como consequência, essas mulheres foram obrigadas a assumir a responsabilidade pelo gerenciamento desses riscos adotando um “protocolo”, como destacaram algumas entrevistadas, que garante minimamente sua segurança e de suas famílias acarretando uma carga de trabalho a mais em suas rotinas: “O trabalho em higienizar todos os produtos e o cuidado em sair de casa sobrecarregam. [...]” (professora, 48 anos, casada, mãe de um filho).

O cuidado, como atividade prática ligada à manutenção da vida e do bem-estar, é o principal condutor para as experiências relatadas pelas entrevistadas. Ele constitui a prática intermediária fundamental entre o alimento contaminado e o alimento consumível. Como noção, ele também descreve de forma mais adequada a conexão fundamental entre a feminilização das atividades domésticas na organização moderna da divisão sexual do trabalho e a percepção das vulnerabilidades ligadas a elas (TRONTO, 2020). Profundamente ligado às relações de dependência constituída entre indivíduos em sociedade, esse conjunto de práticas e disposições concede acesso a uma dimensão central dos riscos e assimetrias que permeiam a organização social contemporânea. Se, tradicionalmente, é relegado às mulheres um conjunto de trabalhos do cuidado sobre os quais comumente não se fala, o cenário pandêmico escancara a necessidade de consideração e reconhecimento dessas práticas de manutenção da vida e bem-estar como elementos centrais para a concepção de uma sociedade conectada e indubitavelmente interdependente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a compreender uma das facetas da pandemia como fenômeno social ainda em desenvolvimento e, por isso, responde à imediatividade e à gravidade do seu desenrolar. Ainda que localizada em seu escopo e abordagem, a pesquisa pôde desvelar não só a continuidade de determinadas estruturas da

divisão sexual do trabalho, como também o aumento da intensidade de seus efeitos práticos e subjetivos, sobretudo, nas camadas médias, que perderam seus suportes, ainda que resguardados os sentimentos positivos quanto ao valor da alimentação e dos conteúdos que ela aciona; e que, obviamente, estes também precisam ser demarcados como idealizados. No entanto, esses aspectos esbarraram na necessidade de ter que se ocupar rotineiramente da comida, e isso carrega essa relação com grande ambiguidade de sentimentos e de obrigações a respeito das tarefas implicadas com a alimentação.

O trabalho culinário doméstico tem sido historicamente construído e associado à responsabilidade de mulheres. Essa associação se intersecciona por classe e raça e, a partir das relações desiguais de gênero em torno da divisão sexual do trabalho, com frequência, orienta os modos de subjetivação das mulheres. Nesta pesquisa, observamos que a pandemia não só mantém essas relações desiguais, mas as reforça, também para as camadas médias, como ocorre para muitas de nossas entrevistadas, delegando-lhes a responsabilidade por esse cuidado.

O estrato socioeconômico da maioria das participantes é um marcador importante de suas experiências, tanto por poder, em grande parte, exercer o direito de trabalhar em casa, quanto porque elas tinham o privilégio de não precisar se dedicar ao trabalho culinário doméstico frequentemente antes da pandemia. Diante da “obrigatoriedade”, como muitas relataram, de ter de cozinhar diariamente, surgiram percepções e sentidos distintos em torno dessa tarefa, como cansaço e estresse, mas, também, prazer e calma. Não foram raros os casos em que esses sentimentos se misturaram, trazendo frustração e encantamento como parte da mesma tarefa e complexificando ainda mais a relação, muitas vezes, cultivada como algo que deveria ser bom, mas que é onerosa e opressiva, quando inserida na rotina e nas convenções desiguais de gênero.

Por fim, a pressuposição feminina sobre a responsabilidade do trabalho culinário doméstico também revelou uma forte compreensão do risco sobre as atividades do cuidado, sobretudo, em relação às compras e o manuseio de alimentos. Para as respondentes, o conjunto de elementos estruturados e estruturantes que as conectam ao trabalho doméstico provoca também a percepção das vulnerabilidades envolvidas nos processos de gerenciamento e higienização de alimentos por meio dos quais protegem a si mesmas e as pessoas de suas famílias. O abalo do sistema de confiança causado pelo quadro pandêmico insere o risco na percepção cotidiana com muita intensidade. A continuidade das organizações envolvidas na divisão sexual do trabalho expõe as principais responsáveis pelo “trabalho invisível” às tensões e ansiedades que marcam o contato diário e a responsabilização pelas tarefas a partir das quais o alimento infectado se torna alimento consumível.

## Domestic foodwork as care: experiences, feelings, and perceptions of risk in pandemic times

### ABSTRACT

From a care studies perspective, this paper aims to understand how women experience domestic foodwork during the first months of the Covid-19 pandemic. Based on 594 responses to an online survey with samples composed majorly by the middle classes, our results indicate continuity in the feminization of domestic activity in the sexual division of labor, even in the face of domestic transformations through the pandemic. We also have found a wide range of emotional content related to domestic foodwork, that varies from overwhelmed to affection. Thirdly, we have noted that the female accountability for domestic foodwork enables a specific perception of risk and vulnerability in the pandemic context. In summary, the paper contributes to a larger discussion about the gendered complexities of contemporary Brazil's "new normal."

**KEYWORDS:** Care. Domestic foodwork. Emotions. Risk. Covid-19.

## El trabajo culinario doméstico como cuidado: vivencias, sentimientos y percepciones de riesgo mientras la pandemia

### RESUMEN

Desde una perspectiva de estudios del cuidado, el texto se preocupa por comprender cómo se configuraron las experiencias con el trabajo culinario doméstico para las mujeres durante los primeros meses de la pandemia Covid-19. Con base en 594 respuestas a un cuestionario *online* y con una muestra final centrada en las clases medias, nuestros resultados indican la continua feminización de las actividades domésticas en la división sexual del trabajo, incluso ante cambios en los arreglos domésticos; También encontramos una amplia carga emocional relacionada con la comida, que va desde sentimientos de sobrecarga hasta sentimientos de afecto relacionados con la preparación de la comida; Finalmente, observamos que la responsabilidad de las mujeres por la alimentación permite una percepción específica de riesgo y vulnerabilidad en el contexto de la pandemia. El artículo contribuye a la discusión sobre las complejidades gendrificadas de la "nueva normalidad" en el Brasil contemporáneo.

**PALABRAS CLAVE:** Cuidado. Trabajo culinario doméstico. Sentimientos. Riesgo. Covid-19.

## NOTAS

1 Salário-mínimo considerado: R\$ 1045,00.

2 Classificação de cidades de acordo com o IBGE: cidade pequena (até 50 mil habitantes); cidade média-pequena (de 50 mil a 100 mil habitantes); cidade média (de 100 mil a 300 mil habitantes); cidade média-grande (de 300 mil a 500 mil habitantes) e cidade grande (mais de 500 mil habitantes).

3 Mesmo que bastante afetado pelo quadro pandêmico, o mercado de trabalho formal ainda concede algum tipo de estabilidade a suas trabalhadoras e trabalhadores quando comparado ao grande contingente de pessoas imersas na informalidade - que os exclui do sistema de seguridade social e pressupõe o risco em busca de rendimento econômico (PIMENTAL; PEREIRA, 2020).

## REFERÊNCIAS

ANDREW, Alison; CATTAN, Sarah; DIAS, Mônica Costa; FARQUHARSON, Christine; KRAFMAN, Lucy; KRUTIKOVA, Sonya; PHIMISTER, Angus; SEVILLA, Almudena. **How are mothers and fathers balancing work and family under lockdown?** London: Institute for Fiscal Studies, 2020.

ALLEN, Patricia; SACHS, Carolyn. Women and Food Chains: The Gendered Politics of Food. **International Journal of Sociology of Food and Agriculture**, v. 15, n. 1, p.1-23, abril de 2017.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.. 21, n. 62, outubro de 2006.

BEAGAN, Brenda; CHAPMAN, Gwen E.; D'SYLVA, Andrea; BASSETT, Reawyn. It is Just Easier for Me to Do It: Rationalizing the Family Division of Foodwork. **Sociology**, v. 41, n. 4, p. 653-671, agosto de 2008.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997. p.11-73.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro modelos de integração de Técnicas Qualitativas e Quantitativas de Investigação nas Ciências Sociais. In: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa. **O clássico e o novo**: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, p.157-183.

CAIRNS, Kate; JOHNSTON, José. **Food and Femininity**. New York: Bloomsbury, 2015.

CAIRNS, Kate; JOHNSTON, Josée, MACKENDRICK, Norah. Feeding the “Organic Child”: Mothering through Ethical Consumption. *Journal of Consumer Culture*, v.13, n.2, p. 91-118, 2013.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. *In*: DE HOLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco LTDA, 1994. p. 206-242.

DEL BOCA, Daniela; OGGERO, Noemi; PROFETA, Paola; ROSSI, Maria Christina. Women’s Work, Housework and Childcare, Before and During Covid-19. **IZA Discussion Paper**, n. 13409, junho de 2020.

DEVAULT, Marjorie L. Comfort and struggle: Emotion work in family life. **The ANNALS** of the American Academy of Political and Social Science, v. 561, n. 1, p. 52-63, 1999.

DEVAULT, Marjorie L. **Feeding the Family**: The Social Organization of Caring as Gendered Work. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

FALQUES, Jules; HIRATA, Helena; KERGOAT, Danielle, *et al.* (dir.). **Le Sexe de la mondialisation**: Genre, Classe, Race et Nouvelle Division du Travail. Paris: Presses de Science Po, 2010.

FEUVRE, Nicky, SOW, Fatou (dir.). **Le sexe de la mondialization**: Genre, classe, race et nouvelle division du travail. Paris: SciencesPo, 2010. p. 27- 42.

FOLBRE, Nancy. Reforming Care. **Politics & Society**. Sage Publications, v. 36, n. 3, p. 373-387, September 2008.

GARRAU Mary, LE GOFF Alice. **Care, justice et dépendence**: introduction aux théories du care. Paris: Universitaires de France, 2010.

GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.

GLUCKSMANN, Miriam. Rumo a uma sociologia econômica do care: comparando configurações em quatro países europeus. *In*: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo (Org<sup>as</sup>). **Cuidado e Cuidadoras**: As várias faces do Trabalho do Care, 2012. p. 63-78.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko; SUGITA, Kurumi. Cuidado e cuidadoras: o trabalho do care no Brasil, França e Japão. *In*: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo (Org<sup>as</sup>). **Cuidado e Cuidadoras**: As várias faces do Trabalho do Care. 2012. p.79-102.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n. 132, set/dez, 2007.

HOCHSCHILD, Arlie Russell; MACHUNG, Ann. **The Second Shift**. Toronto: Penguin Books, 2003.



INSFRAN, Fernanda; MUNIZ, Ana G. C. R. Maternagem e Covid-19: desigualdade de gênero sendo reafirmada na pandemia. **DIVERSITATES International Journal**, v. 1, n. 2, p. 26-47, 2020.

JAGGAR, Alison. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista? In: BORDO, SUSAN. R., JAGGAR, ALISON. M. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos. 1997. p. 157-185.

KITTAY, Eva Feder. **Love's Labor: Essay on Woman, Equality and Dependency**. New York, Routledge, 1999.

LONGINO, Helen E. Epistemologia feminista. In: GRECO, John; SOSA, Ernesto. (Orgs). **Compêndio de Epistemologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p.505-545.

LUPTON, Deborah. **Food, the Body and the Self**. Londres: Sage Publication, 1996.

MACKENDRICK, Norah; PRISTAVEC, Teja. Between Careful and Crazy: The Emotion Work of Feeding the Family in an Industrialized Food System. **Food, Culture and Society**, v. 22, n. 4, p. 446–63, 2019.

MATCHAR, Emily. *Homeward Bound: why women are embracing the new domesticity*. Nova York: Simon & Schuster, 2013.

MURCOTT, Anne. 'It's a pleasure to cook for him': food, mealtimes and gender in some South Wales households. In: GAMARNIKOW, E.; MORGAN, D.; PURVIS, J.; and TAYLORSON, D. (org). **The Public and the Private**. London: Heinemann, 1983. p. 78-90.

MINAYO, Maria Cecília Souza de. Quantitativo versus qualitativo, subjetivo versus objetivo. In: **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1992. p.28-88.

MONTICELLI, Thays Almeida. **Diaristas, Afeto e Escolhas: ressignificações no trabalho doméstico remunerado**. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Curitiba, 2013.

MONTICELLI, Thays Almeida. Cuidado e Poder: as relações do trabalho doméstico remunerado através da cultura doméstica. In: TAMANINI, Marlene; HEIDEMANN, Francisco Gabriel; VARGAS, Eliane Portes; ARAUJO, Sandro Marcos Castro de. **O cuidado em cena: Desafios políticos, teóricos e práticos**, Florianópolis: UDESC; 2018. p.161-184

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.2, p. 305- 440, maio-agosto 2008.

PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Outras formas de trabalho**. 2019.

PAPERMAN, Patricia. **Cuidado y sentimientos**. 1 ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, 2019.

PIMENTEL, Lemos; PEREIRA, Alexandre Pimenta Batista. A informalidade laborativa sob o enfoque interdisciplinar: diferentes perspectivas para um fenômeno complexo em tempos de pandemia. **Revista de Direito**, v.12, n.01, p. 1-33, 2020.

RIBAUT, Thierry. Cuidadoras domiciliares: que tipo de profissionalização? *In*: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo (Org<sup>as</sup>). **Cuidado e Cuidadoras: As várias faces do Trabalho do Care**. 2012. p.119 – 132.

STACEY, Clare L. **The caring self: the work experiences of home care aides**. London: Cornell University Press, 2011. p. 199.

SASSEN, Saskia. Mondialisation et géographie globale du travail. *In*: FEUVRE, Nicky; SOW, Fatou (Dir.). **Le sexe de la mondialisation: Genre, classe, race et nouvelle division du travail**. Paris: Sciences Po, 2010. p. 27- 42.

SHAFER, Kevin; SCHEIBLING, MILKIE, Melissa; Casey. The Division of Labour Before & During the COVID-19 Pandemic in Canada. **SocArXiv**, maio de 2020.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana. O care como um regime estratificado: Implicações de gênero e classe social. *In*: HIRATA, Helena Sumiko; GUIMARÃES, Nadya Araujo (Org<sup>as</sup>). **Cuidado e Cuidadoras: As várias faces do Trabalho do Care**, 2012. p. 103-116.

SOARES, Angelo. As emoções do care. *In*: Hirata Helena Sumiko, Guimarães Nadia Araújo (Org<sup>as</sup>). **Cuidado e cuidadoras: As várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas; 2012.p. 44-59.

SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. *In*: *História das mulheres, século XIX*. (Orgs.) Georges DUBY e Michelle PERROT, sob a direção de Arlete Farge e Natalie Zemon Davis. São Paulo: Edições Afrontamento, Ebradil, v.3, 1994. p.443-475.

SZABO, Michelle. Foodwork or foodplay? Men’s domestic cooking, privilege and leisure. **Sociology**, v. 47, n. 4, p. 623-638, 2013.

TABET, Paola. Las manos, los instrumentos, las armas. *In*: CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules (Org<sup>as</sup>). **El patriarcado al desnudo: tres feministas materialistas**, Collete Guillaumin, Paola Tabet, Nicole Claude Mathieu. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2005. p. 57-129.

TRABUT, Loic; WEBER, Florence. Como tornar visível o trabalho das cuidadoras domiciliares? O caso das políticas em relação à dependência na França. *In*: HIRATA, Helena Sumiko; GUIMARÃES, Nadya Araujo (Org<sup>as</sup>). **Cuidado e Cuidadoras: As várias faces do Trabalho do Care**. 2012. p. 133-147.

TORRES, Marieze Rosa. **Hóspedes Incômodas? Emoções na sociedade norteamericana**. *Tese de Doutorado*. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Bahia. Brasil, 2009.

TRONTO, Joan. **Caring Democracy: Markets, Equality, and Justice**. New York: New York University Press, 2013.

TRONTO, Joan. **¿Riesgo o cuidado?** Ciudad Autónoma de Buenos Aires:Fundación Medifé Edita, 2020.

URRUTIA, Verónica Gómez; FAÚNDEZ, Oriana Arellano; CONTRERAS, Cristina Valenzuela. Negociaciones en familia: género, trabajo y cuidado en Chile. **Estudios Feministas**, Florianópolis, UFSC/CFH, v. 25, n.2, 661-682, maio-agosto/2017.

ZELIZER, Viviana. A economia do care. **Civitas**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 376-391, set.-dez. 2010.

WILLIAMS-FORSON, Psyche; WILKERSON, Abby. Intersectionality and food studies. **Food, Culture & Society**, v. 14, n. 1, p. 7-28, 2011.

**Recebido:** 17/12/2020.

**Aprovado:** 18/08/2021.

**DOI:** 10.3895/cgt.v15n45.13619

**Como citar:** KESTERING, Virginia Therezinha; QUAGLIATO, Henrique da Costa Valério; TAMANINI, Marlene. O trabalho culinário doméstico como cuidado: as experiências, sentimentos e percepções de risco em tempos de pandemia. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 298-316, jan./jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Direito autor:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

